

AÇÕES PARA A INTEGRAÇÃO ÁRABE EM FOZ DO IGUAÇU

Francisca Paula Soares Maia (UNILA)

paula.maia@unila.edu.br

Rajaa Nouredine (UDC)

rajaa1872@hotmail.com

Yassine Ahmad Hijazi (UDC)

ecopress73@hotmail.com

Mamadou Alpha Diallo (UNILA)

mamadou.diallo@unila.edu.br

RESUMO

O curso de extensão “Árabe, Arabismo e Islamismo na Tríplice Fronteira” surgiu a partir do número expressivo de imigrantes árabes residentes em Foz, cidade brasileira fronteiriça com Paraguai e Argentina que tem por principal característica a presença de uma pluralidade cultural e linguística, além do alto número de turistas de várias partes do mundo os quais recebe ao longo do ano. Essa pluralidade, todavia, requer ações sustentadas pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana a qual, como será relatado nessa comunicação, está longe de contribuir apenas para o que seu nome aponta. Pautado em um conjunto de embasamentos teóricos: sobre a questão da norma (FARACO, 2008), na visão variacionista (LABOV, [1968] 2001), interdisciplinar e linguístico-cultural, via sociolinguística (MAIA, 2013), bem como em diversas obras sobre a língua árabe, o presente trabalho tem por objetivo demonstrar como, a partir do foco na visão variacionista, vem sendo realizadas as ações no curso de árabe que iniciado no primeiro semestre de 2015 junto à Pró-Reitoria de Extensão de nossa universidade.

Palavras-chave: Árabe. Sociolinguística. Integração linguístico-cultural.

1. Introdução

O texto a seguir é um relato de ações que temos empreendido em um projeto de extensão³⁷ com vários objetivos, os quais, uma vez alcançados, culminarão em uma maior integração do povo árabe em Foz do Iguaçu, inicialmente. Compõem essas ações: um curso de extensão, visitas técnicas, busca de parcerias, pesquisa, e participação em eventos. De modo que não temos a pretensão de sermos teorizadores, mas, pelo con-

³⁷ Referimo-nos ao projeto de extensão “Árabe, Arabismo e Islamismo na Tríplice Fronteira”, coordenado pelo Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo, junto à Pró-Reitoria de Extensão da UNILA, do qual nós autores somos parte integrante.

trário, buscamos neste espaço relatar a prática, sendo a teoria o seu embasamento, aquilo que a favorece. Lembrando o que nos diz Freire (1996, p. 39)³⁸:

[...] o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário a reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática.

Começamos a nos reunir a partir da necessidade sentida por todos em torno da busca de compreensão de integração de uma cultura que se destaca em Foz do Iguaçu: a cultura árabe. Percebida e destacada pelos milhares de turistas que visitam diariamente essa cidade turística e pelos habitantes fixos, devido às vestes femininas notoriamente diversas das que usam os demais povos que por ela circulam, à presença marcante de homens árabes e suas esposas em lojas, e no comércio em geral, à existência de uma grande mesquita e à possibilidade de ouvirmos a Língua Árabe nos vários espaços da comunidade foziguaçuense, essa cultura é neste texto alvo de sua própria revelação.

O presente trabalho é, em si mesmo, portador de uma visão interdisciplinar, de áreas como relações internacionais, comunicação social e sociolinguística, sendo essa última o lugar do qual temos pautado nossa trajetória. Isso porque compreendemos a língua como a própria expressão da cultura, e a cultura, como o próprio diálogo resultante das identidades do ser humano enquanto ser individual e ao mesmo tempo coletivo. Desse modo, apesar de postulado há mais de quarenta anos, confiamos que é o modelo da sociolinguística (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 2001), com suas várias interfaces (MAIA, 2013) que nos oferece embasamentos para lidarmos com a realidade plurilíngua na qual o povo árabe tem contato em Foz do Iguaçu. Cabe enfatizar que o modelo da teoria variacionista favorece a compreensão de realidades linguístico-culturais heterogêneas, nos permite organizar conhecimentos sobre as diversidades culturais, ao tomarmos como ponto de partida a noção laboviana de comunidade:

A comunidade de fala não se define por nenhum acordo marcado sobre o uso dos elementos da língua, mas sobretudo pela participação num conjunto de normas estabelecidas. Tais normas podem ser observadas em tipos claros

³⁸ Freire falava nesse momento da formação de professores, mas a citação se aplica ao nosso propósito sobre o pensar e relatar a prática, amalgamada, embasada na teoria, sem ser por ela suplantada.

de comportamento avaliativo e na uniformidade de modelos abstratos de variação, que são invariantes com relação aos níveis particulares de uso. (LABOV, 1966)³⁹

O conceito de comunidade linguística é um dos axiomas da visão laboviana que postula que a heterogeneidade estrutural da língua só é passível de observação, e posterior sistematização, quando capturada a sua manifestação em grupos sociais (LABOV, 2001), e não apenas a partir de sua produção isoladamente pelo indivíduo. Estabelece, pois, que agrupamentos sociais⁴⁰ podem se dar considerando-se sexo (homens; mulheres), classe social (alta, média, baixa), faixa etária (jovens, medianos, idosos), grupo étnico (imigrantes italianos, japoneses etc.), estilos de fala (relacionados ao ambiente mais formal, menos formal de uso), localidade (rural, urbana). Os agrupamentos “grupo étnico” e “estilos de fala” podem ser considerados os dois fatores predominantes em tudo o que vamos abordar nesse artigo.

2. A cultura árabe, uma incógnita para a América Latina?

Antes de darmos sequência à explanação sobre como temos desenvolvido uma das principais ações desse projeto de integração, que é o ensino da escrita árabe, é relevante retomarmos um pouco da história do povo árabe nesse texto. Isso porque, principalmente na América Latina, em geral sabemos muito pouco sobre sua cultura, sua língua. Alia-se a isso o fato de que o público do curso busca informações culturais em seu desenvolvimento.

Consta na literatura que o império árabe passa a existir quando Maomé, a partir do Alcorão, origina o Islamismo. Até então, os árabes, ou povos semitas como são chamados na Arábia, viviam em tribos isoladas umas em relação às outras, com diferentes modos de vida e de crenças, com falares também diversos. Próprios de região desértica, os beduínos _assim chamados_ baseavam sua sobrevivência na exploração do camelo, o qual era o seu meio de transporte, o seu meio de alimentação (leite e carne), e o meio pelo qual confeccionavam o seu vestuário, através do uso do pelo desse animal. Andavam em caravanas e exploravam o

³⁹ Tradução própria a partir do original.

⁴⁰ Na teoria sociolinguística a observação da fala desses agrupamentos sociais compõe o que se chama variáveis sociais ou extralinguísticas.

comércio de produtos diversos, em diversas cidades da região. Ao contrário dos beduínos, os árabes das tribos coraixitas, pertencentes à área litorânea, eram fixos e praticavam o comércio fixo. Consta⁴¹ que a Língua Árabe é uma das mais antigas do mundo:

O **árabe** (عربي، *al-'arabiyyah*) é uma língua semita* (expressão em Gênese da linhagem descendente de "Sem" filho de Noé), que inclui também o hebreu, o cananeu, o síriaco, o aramaico, e várias línguas da Etiópia, como o amárico e o Tigrinya. Árabe e o hebraico são as únicas línguas semíticas que são usadas ainda hoje, tanto em sua escrita e fala formal. [...]O primeiro texto escrito em árabe foi descoberto em gravações em pedras (Al manara) na Síria e remota ao ano de 328 a.C.

Diferentemente de outros povos conquistadores, o povo árabe não eliminava a cultura dos povos conquistados. Buscava ampliar seus conhecimentos interagindo com a cultura dos povos a quem conquistavam, favorecendo o avanço em conjunto. Podemos citar muitas descobertas científicas, importantes avanços na área médica, que representam grandes contribuições para o desenvolvimento ocidental. Inclusive muitos latino-americanos desconhecem a relevância dos textos de Aristóteles e outros grandes nomes da antiguidade grega na cultura árabe⁴². Também não há muita informação, ou diríamos, divulgação na América Latina do arcabouço artístico, cultural e literário, sendo que na literatura obras muito conhecidas como “*As Mil e Uma Noites*”, “*As Minas do Rei Salomão*” e “*Ali Babá e os Quarenta Ladrões*”, muitas vezes não são relacionadas ao povo árabe.

Feitas as devidas referências ao povo árabe, à cultura que tanto influenciou (e influencia) o mundo contemporâneo, passemos ao relato do primeiro curso realizado no projeto.

3. *Ensinar a língua árabe*

A língua árabe é uma língua muito antiga e rica⁴³:

A língua árabe antiga era escrita em caracteres “musnadi” e “tamudi”, até passar a ser usada a escrita da caligrafia dos Nabateus com a difusão da língua

⁴¹ Informação presente no blog “Estudo da Língua e Cultura Árabe: por Cris Freitas nos Emirados Árabes”.

⁴²Para informações mais aprofundadas veja-se Bittar (2009).

⁴³ In: <<http://www.arabeegipcio.com/p/historia-da-lingua-arabe.html>>.

árabe moderna. As gravações mais antigas desta caligrafia foram encontradas na Síria, são chamadas gravações de “Al Namara” do ano de 328.

No curso realizado, tivemos um olhar atento para as diferenças linguísticas presentes na modalidade escrita, as quais passamos a relatar⁴⁴.

Conforme vimos na seção anterior, o árabe é uma língua visivelmente heterogênea. Já existiam variedades linguísticas claramente distintas, tais como a língua do povo árabe do litoral e a do povo do deserto. Existiam essas variedades mesmo antes do árabe considerado formal, denominado clássico, que se fortaleceu por ser a língua na qual é escrito o livro sagrado, o *Alcorão*.

A língua árabe falada tem marcadamente o modo formal, que é o árabe padrão moderno, usada na escrita, e o modo informal, presente na interação de seus usuários no dia a dia. O árabe informal é expresso de maneiras diferentes, dependendo das tradições e cultura de cada país árabe. A língua formal, o árabe padrão moderno ou árabe literário⁴⁵, é a mesma em todos os livros, jornais, sites em todos os países de Língua Árabe, também utilizada na interação quando são falantes pertencentes a regiões muito distantes.

Em se tratando do ensino da língua árabe para falantes e escreventes de línguas neolatinas, como o português e o espanhol (realidade de nossos aprendizes no curso) o que surpreende e ao mesmo tempo atrai é que ao contrário das línguas neolatinas, o Árabe é escrito da direita para a esquerda, e basicamente contém 28 letras, apresentadas a seguir.

ا ب ت ث ج ح خ د ذ ر ز س ش ص ض
ط ظ ع غ ف ق ك ل م ن ه و ي

O quadro abaixo nos permite visualizar uma correspondência entre as letras árabes e as letras latinas.

⁴⁴ Trata-se de um breve relato, com muito a ser pesquisado.

⁴⁵ Veja-se <http://www.arabeegipcio.com/p/historia-da-lingua-arabe.html>

FA	فا	SHA	ش	KHA	خ	AA	ا
QA	قا	SA	ص	DA	د	BA	ب
KA	كا	DAA	ض	THA	ذ	TA	ت
LA	لا	TAA	ط	RA	ر	TH	ث
MA	ما	THAA	ظ	ZA	ز	J-G	ج
NA	نا	AA	ع	SA	س	HA	ح
HA	ها	GHA	غ				
WA	وا						
YA	يا						

Quadro 1 – Letras árabes e suas correspondentes latinas

Levando em consideração a especificidade sonora, uma das características de uma língua em relação a outra, na língua árabe várias letras representam sons que não têm pronúncia igual no português ou nas outras línguas neolatinas, como em alguns exemplos que mostramos no próximo quadro⁴⁶:

THA	ذ
SAA	ص
DAA	ض

⁴⁶ Nesse quadro os sons em português são representados por letras, visando-se maior acesso do público receptor.

THAA	ظ
GHA	غ

Quadro 2 – Letras árabes e sons em Português

As letras variam de forma quando são escritas no começo, no meio ou no final da palavra. Exemplos:

لاعب	شباك	بحر	ب	B
درج	فجأة	جمال	ج	J-G
مخلص	بصل	صديق	ص	SAA
معلم	عمال	مدرسة	م	MA
سنين	سنة	نور	ن	NA
كعك	مكتب	كلمات	ك	KA

Quadro 3 – Posições e formatos das letras

As pontuações usadas na escrita árabe se chamam Harakat, e são fundamentais para garantir o significado das palavras.

أَنَا هَبْتُ	أَنْتَ هَبْتَ	هِيَ هَبَتْ	زَهَبَ
<i>EU SAI</i>	<i>VOCÊ SAIU</i>	<i>ELA SAIU</i>	<i>VERBO SAIR</i>

Quadro 4 - Harakat

A língua árabe não tem vogais e consoantes como nas línguas portuguesa e espanhola usadas por nossos aprendizes. Esse fato é próprio das línguas semíticas, em que a escrita das palavras dá-se apenas com as consoantes, porque esse povo entendia que as vogais seriam previsíveis no contexto. (Cf. CAGLIARI, 1998, p. 33)

Uma outra característica interessante no árabe é que algumas letras têm de ser retiradas ou adicionadas conforme o que expressam na frase, como ilustra o próximo quadro:

NO PASSADO	NO PRESENTE	MANDANDO
صلى	يُصلي	صل
قام	يقوم	قم
درس	يدرس	ادرس

Quadro 5 – Formação de palavras

O curso foi pensado de modo a desvendar os mistérios da escrita árabe para aprendizes que têm línguas neolatinas como língua 1, ou materna⁴⁷, de modo que, acima, procuramos mostrar onde residem alguns desses pontos de afastamento de uma língua em relação à outra. A partir da obra de Cagliari ([1998⁴⁸] 2009) foram pensadas as questões da escrita e as dificuldades, num processo de interação constante entre todos os membros.

4. Considerações finais

Como temos visto, ensinar uma língua é também ensinar sua cultura. Isso é um conhecimento compartilhado no meio acadêmico que lida com o ensino-aprendizagem de uma língua, quer materna, quer estrangeira. Todavia, conforme já mencionado, temos por visão o respeito à diversidade, à variação, às diferenças. (MAIA, 2012):

[...]é importantíssima ainda a compreensão de que, quanto maior a exposição às variedades linguísticas, aos falares, e às diversidades culturais, mais nos enriquecemos como pessoas, como seres humanos; mas, para isso, é preciso que abandonemos a crença de que existem falares “melhores” ou “piores”. Afirimo que o contato que enriquece só é possível quando compreendemos que existem diferenças (linguísticas e culturais), as quais devem ser respeitadas, mas respeitar essas diferenças não é perder a própria identidade, é antes de tudo mantê-la e somá-la à do outro. A isto chamo “interação” ou “integração”.

Finalizamos dizendo que temos olhado com atenção desde o início do curso e sempre as dificuldades que os discentes do curso enfrentariam, uma vez que toda escrita resulta de uma convenção (CAGLIARI,

⁴⁷ Sobre os conceitos de língua 1, língua materna etc. veja-se Pupp Spinassé (2006).

⁴⁸ Edição do autor, gentilmente cedida ainda no prelo, publicada em 2009.

op. cit., MAIA, 2011), e que as direções de uma escrita (se da esquerda para a direita, se de cima para baixo etc.), também são resultados convencionais, portanto, como toda convenção, requer o ensino formal e conscientizador da necessidade de se conviver e respeitar essas diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.

BITTAR, Eduardo C. B. O aristotelismo e o pensamento árabe: Aversóis e a recepção de Aristóteles no mundo medieval. *Revista Portuguesa de História do Livro*, Lisboa, n. 24, p. 61-103, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-13362009000200004>.

CAGLIARI, Luís Carlos. *A história do alfabeto*. [s.l.]: Editora Espiral/Edição do Autor. 1998. Disponível em: <<http://www.trabalhosfeitos.com/ensaios/a-Hist%C3%B3ria-Do-Alfabeto/907621.html>>.

_____. *História do alfabeto*. São Paulo: Paulistana. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. 1. ed. São Paulo: Parábola. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREITAS, Cris. *Estudo da língua e cultura árabe*. Blog. Disponível em: <<http://www.arabeegipcio.com/p/historia-da-lingua-arabe.html>>.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: USA: Balckewell Publishers. 2001.

_____. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics. 1966.

MAIA, Francisca Paula Soares. Sociolinguística Aplicada ao ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. In: SILVA, K. A.; SANTOS, D. T. (Orgs.). *Português como língua (inter) nacional: Faces e interfaces*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2013.

_____. O que é o respeito às diferenças linguísticas e à diversidade cultu-

ral em aquisição de português? *Gazeta News*, Flórida (EUA), 14 jun. 2012.

_____. Como surgem os acordos ortográficos? In: COMO, Elena. (Org.). *Ao redor do mundo: leituras em português*. Astoria, NY: Atlantico Books, 2011.

PUPP SPINASSÉ, Karen. Os conceitos língua materna, segunda língua e língua estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no sul do Brasil. *Revista Contingentia*, vol. 1, p. 01-10, 2006.

WEIREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language. In: MALKIEL, Yacov et al. (Eds.). *Perspective on historical linguistics*. Amsterdam: Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1968, p. 97-193. Disponível em: <<http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/books/hist05.html>>.